

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 1º Domingo da Quaresma – Ano B

21fev2021

Gênesis 9,8-17; Salmo 25,1b-10; 1 Pedro 3,18-22

S. Marcos 1,9-15

<sup>9</sup>Por essa altura, Jesus veio de Nazaré, na província da Galileia, e foi batizado por João no rio Jordão. <sup>10</sup>No momento em que saía da água, Jesus viu abrir-se o céu e o Espírito Santo a descer sobre si, como uma pomba, <sup>11</sup>e ouviu-se do céu uma voz: «Tu és o meu Filho querido; com a maior satisfação te escolhi.»

<sup>12</sup>Logo a seguir, o Espírito conduziu Jesus para o deserto. <sup>13</sup>Ficou no deserto quarenta dias sendo tentado por Satanás. Estava entre os animais selvagens e os anjos o serviam.

<sup>14</sup>Depois de João Batista ser preso, Jesus voltou para a Galileia; proclamava o evangelho de Deus <sup>15</sup>e dizia: «É chegada a hora! O reino de Deus está próximo. Arrependam-se dos pecados e creiam nesta boa nova.»

1. O evangelho de S. Marcos omite, ou ignora, as três tentações de Jesus, tal como se encontram descritas nos evangelhos de S. Mateus 4, 1-11 e de S. Lucas 4, 1-13. Menos enfático, reduz a experiência de Jesus no deserto a três frases: «O Espírito conduziu Jesus para o deserto. Ficou no deserto quarenta dias sendo tentado por Satanás. Estava entre os animais selvagens e os anjos o serviam».

Numa outra versão lê-se «o Espírito O impeliu para o deserto». Naquele tempo, segundo os estudiosos, o deserto significava a *rutura* com o sistema de vida e com a sociedade em que se vivia. Era para lá que iam as pessoas desenraizadas, ignorantes, escravos, também, os devedores que fugiam ao Fisco por não terem com que pagar as suas dívidas, e os descontentes com a ordem social que imperava. Foi para esse ambiente que o Espírito *impeliu* Jesus no início do Seu ministério público. Ora, se tivermos em conta que o mais provável é que aquele relato não seja histórico, e que, até, os *quarenta dias* é um número simbólico, um lapso de tempo mais ou menos longo em relação ao ritmo da vida diária, podemos concluir que Marcos apenas nos quer expressar simbolicamente o que significa para nós Jesus de Nazaré. Sabemos que Jesus, pela forma como entendeu a vida, as relações humanas, o poder, a importância dos pobres, os últimos, os que sofrem, teve um papel decisivo na história da humanidade. Além disso, foi também decisivo porque trouxe um modo novo de encarar a religião e a nossa ideia de Deus. Ora, tão assombrosas mudanças começaram a delinear-se nesse tempo no deserto, de *ausência* de Si, na solidão, longe dos seus e do povo, no lugar onde se acoitavam os desenraizados e viviam *os animais selvagens*, num jejum debilitante e purificador. Em seguida, o anúncio do *Reino de Deus*, a Boa Notícia, uma vida nova, uma sociedade nova, uma felicidade para todos, uma esperança para os desesperançados. Em suma, como é Deus e onde podemos encontrá-Lo: na solidariedade com os últimos deste mundo.

No final percebemos que o verdadeiro caminho da salvação que está em Jesus, não é o da confiança em nós mesmos nem o da facilidade, mas o da aceitação de Deus em obediência aos Seus ditames e o da abnegação, materializada em renúncia, sacrifício, fraternidade.

2. Há comentaristas que consideram “pormenores” as descrições das tentações de Jesus em S. Mateus. Porém, sem elas dificilmente perceberíamos a essência do ‘pecado’ e do ‘seu’ instigador, *Satanás*. Vejamos.

O Livro de Job é uma obra literária que nos apresenta a difícil relação entre o homem e Deus em tempo de sofrimento e injustiça. No Prólogo, narra-se uma interessante conversa entre Deus e Satanás a propósito de Job, o personagem que dá nome ao livro (ver Job 1, 6-12). Aí a figura de Satanás apresenta-se como alguém que tem o homem em muito pouca conta, e, por isso, procura sempre encontrar nele alguma culpa, sendo capaz, para esse efeito, de desencadear sobre ele toda a espécie de desgraças que o desanimem e arrastem para o mal. Por outro lado, na descrição das tentações de Jesus em S. Mateus, Satanás *ataca* quando Jesus sentiu fome, «*Se és filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães*»; depois, *avança* com uma proposta tentadora, «*Se és o filho de Deus, atira-te daqui*», do pináculo do Templo e nada te acontecerá; e, termina, mostrando-Lhe «*todos os países do mundo com suas grandezas*», convidando-O a renegar a Deus para seguir os deuses falsos que asseguram o poder. Ou seja, as três propostas de Satanás têm um elemento comum: chamar Jesus a que se concentre nEle mesmo: Tens fome? Queres ser o mais poderoso do mundo? Porque não mostras ao mundo todos os teus poderes celestiais? Pressentimos, então, aquilo a que podemos chamar a estratégia de Satanás para nos tentar: somente impelir-nos a que nos concentremos em nós próprios, nas nossas necessidades e desejos de sobrevivência, de satisfação pessoal e de reconhecimento social e de poder. Aquilo a que chamamos “pecado” e que realmente nos faz separar de Deus e dos nossos irmãos. Ora, que ‘vemos’ em Jesus? Ele refuta as investidas do maligno descentrando-as de si mesmo e colocando-as na perspectiva de Deus à luz da Sagrada Escritura. Podemos, então, concluir que o pecado não é senão a nossa tendência para nos colocarmos no centro mundo, com as funestas circunstâncias daí decorrentes. Reparemos no pequeno poema de Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa:

Concentra-te, e serás sereno e forte;  
Mas concentra-te fora de ti mesmo.  
Não sê mais para ti que o pedestal  
No qual ergas a estátua do teu ser.  
Tudo mais empobrece, porque é pobre.

3. É notório, cada vez mais, que estamos a ficar menos aquietados no confinamento e, por isso, mais rabugentos, mais exasperados. Esperamos verdadeiramente pelo fim de março para que, com os números de mortos e infetados em decrescendo e com uma boa parte da população já vacinada, se comece o desconfinamento. Este é uma situação que exacerba as nossas fragilidades e faz crescer os níveis da nossa ansiedade. Mas, entretanto, temos ainda mais de um mês pela frente... e assim vamos passar a Quaresma. O que se espera de nós?

Acima de tudo que sejamos coerentes no nosso compromisso cristão. Confiamos no nosso Deus e na Sua presença nas nossas vidas; reconhecemos em Jesus a compaixão e a ternura que podem ‘adocicar’ o nosso viver; e ‘vemos’ nas pequenas coisas o Espírito Santo em ação. Só temos de nos descentrarmos de nós mesmos e do pessimismo que nos atropela, procurando focar-nos nas necessidades dos que vivem connosco e dos que connosco ombreiam no nosso prédio, na nossa rua ou freguesia. Numa palavra, jejuando o que for preciso e orando à medida das nossas consciências, sempre na nossa intimidade com Deus, esforçai-vos por trazer à vossa vida as preocupações dos outros, tentando participar na sua resolução e sentir-vos-emos libertos e apetrechados para viver a Quaresma e enfrentar e vencer os efeitos da pandemia.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana